

**INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA DE MINAS
GERAIS - CAMPUS BAMBUÍ**

PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO PARA RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS

Genice de Fátima Fortunato da Silva Fiaschi

**A atuação de Odelair Rodrigues e a imagem da mulher negra na publicidade
paranaense nos anos 1980**

MINAS GERAIS

2025

GENICE DE FÁTIMA FORTUNATO DA SILVA FIASCHI

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado ao Curso de Pós-
Graduação em Educação para as
Relações Étnico-Raciais do Instituto
Federal de Minas Gerais – *Campus*
Bambuí para obtenção do título de
Especialista.
Orientador: Rodrigo Francisco Dias

MINAS GERAIS

2025

Catálogo na Fonte Biblioteca IFMG - *Campus Bambuí*

F442a Fiaschi, Genice de Fátima Fortunato da Silva.

A atuação de Odelair Rodrigues e a imagem da mulher negra na publicidade paranaense nos anos 1980 [manuscrito] / Genice de Fátima Fortunato da Silva Fiaschi. – 2025.
19 f.

Orientador: Rodrigo Francisco Dias.
Trabalho de Conclusão de Curso (Especialização em Educação para Relações Étnico-Raciais) – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Minas Gerais. *Campus Bambuí*, 2025.

1. Odelair Rodrigues. 2. Representatividade negra. 3. Teatro paranaense. 4. Ensino do teatro. 5. Racismo estrutural. I. Dias, Rodrigo Francisco. II. Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Minas Gerais – *Campus Bambuí*. III. Título.

CDD.320.56

Catálogo: João Batista Rodrigues - CRB-6/2022



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
SECRETARIA DE EDUCAÇÃO PROFISSIONAL E TECNOLÓGICA
INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA DE MINAS GERAIS
Campus Bambuí
Diretoria de Pesquisa, Inovação e Pós-Graduação
Coordenação do Curso de Pós-Graduação Lato Sensu em Educação para Relações Étnico-Raciais
Fazenda Varginha, Rodovia Bambuí / Medeiros KM-05 - CEP 38900-000 - Bambuí - MG
37 3431-4900 - www.ifmg.edu.br

Ata da 14ª Defesa de TCC do Curso de Especialização em Educação para Relações Étnico-raciais, realizada em 17 de dezembro de 2024.

Cursista: Genice de Fátima Fortunato da Silva Fiaschi

Orientador: Rodrigo Francisco Dias

No dia dezessete de dezembro do ano de dois mil e vinte e quatro, às dezenove horas, reuniram-se remotamente (videoconferência), a Banca Examinadora de Defesa Pública do Trabalho de Conclusão de Curso, para julgar, em exame final, o trabalho apresentado pela discente Genice de Fátima Fortunato da Silva Fiaschi, com o trabalho intitulado "A atuação de Odeílair Rodrigues e a imagem da mulher negra na publicidade paranaense nos anos 1980", requisito final para a conclusão da Especialização em Educação para Relações Étnico-raciais. Abrindo a sessão, o orientador e presidente da Banca de Defesa, Prof. Dr. Rodrigo Francisco Dias, após dar conhecimento aos presentes o teor do capítulo VI do Regulamento do Curso, passou a palavra à cursista para apresentação de seu trabalho. Seguiu-se a arguição pelos examinadores, com a respectiva defesa da cursista. Logo após, a Banca se reuniu, sem a presença da cursista e do público, para julgamento da defesa, tendo sido atribuídas as seguintes indicações:

- Prof. Juliana Ventura de Souza Fernandes - satisfatório.

- Prof. Samira dos Santos Ramos - satisfatório.

Média de avaliações dos baremas: **90 pts.** – satisfatório.

O resultado final foi comunicado à cursista pelo presidente da Banca, após esta ter sido chamada pelo aplicativo de celular e retornado à sala virtual. Nada mais havendo a tratar, o presidente encerrou a reunião. A ata será assinada via Sistema Eletrônico de Informações (SEI) por todos os membros participantes da Banca Examinadora e pela mencionada cursista.

Bambuí, 17 de dezembro de 2024.



Documento assinado eletronicamente por **Rodrigo Francisco dias, Professor**, em 21/12/2024, às 10:38, conforme Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020.



Documento assinado eletronicamente por **Juliana Ventura de Souza Fernandes, Professora**, em 24/12/2024, às 09:11, conforme Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020.

Ata de Reunião Defesa TCC (2144762)

SEI 23209.004608/2024-58 / pg. 1



Documento assinado eletronicamente por **Samira dos Santos Ramos, Coordenador(a) de Curso**, em 11/04/2025, às 06:36, conforme Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020.



A autenticidade do documento pode ser conferida no site <https://sei.ifmg.edu.br/consultadoes> informando o código verificador **2144762** e o código CRC **CAA3E245**.

23209.004608/2024-58

2144762v1



Documento assinado digitalmente
GENICE DE FATIMA FORTUNATO DA SILVA FIASCHI
Data: 11/04/2025 09:50:18-0100
Verifique em <https://verificar.gov.br>

A atuação de Odelaire Rodrigues e a imagem da mulher negra na publicidade paranaense nos anos 1980

Genice de Fátima Fortunato da Silva Fiaschi

Resumo: Este artigo analisa a atuação da atriz Odelaire Rodrigues e sua participação na propaganda do Café Damasco, veiculada na década de 1980, destacando a representatividade da mulher negra na publicidade paranaense. A pesquisa utiliza uma abordagem qualitativa e historiográfica, fundamentada nas teorias de Michel de Certeau (1998) sobre estratégias e táticas, além de conceitos de representatividade racial na mídia. A partir da análise do comercial, o estudo investiga como, apesar do protagonismo, a imagem de Odelaire foi moldada por estereótipos raciais, perpetuando papéis subalternos. A conclusão aponta que, embora Odelaire tenha se destacado na mídia, sua representação refletiu as contradições da época em torno do mito da democracia racial. A análise contribui para a discussão sobre a construção da identidade racial na publicidade e as resistências enfrentadas por artistas negros na luta contra o racismo estrutural.

Palavras-chave: Odelaire Rodrigues. Representatividade negra. Teatro paranaense. Ensino do teatro. Racismo Estrutural.

Introdução

A carreira de 50 anos de Odelaire Rodrigues Silva, a primeira atriz negra paranaense, reflete a rica contribuição dos artistas negros para o teatro no Paraná. Atuante no rádio, teatro, cinema e televisão, Odelaire é celebrada por sua versatilidade e pioneirismo. Sua trajetória foi imortalizada em entrevistas, vídeos e exposições que homenageiam sua resistência e conquistas. Em 1982, ela protagonizou a famosa propaganda do Café Damasco, marco na publicidade paranaense.

Além disso, em julho de 2023, foi aprovada a Lei 21540,¹ de 03 de julho de 2023, que “Institui o Dia Odelaire Rodrigues e da Mulher Negra do Teatro Paranaense a ser comemorado anualmente em 27 de janeiro” (Paraná, 2023, p.1). Essa homenagem reconhece o impacto de Odelaire no cenário cultural e nas narrativas cênicas da época.

¹ Paraná. Leis Estaduais. **Lei Ordinária nº 21540, de 3 de julho de 2023**. Disponível em: <https://leisestaduais.com.br/pr/lei-ordinaria-n-21540-2023-parana-institui-o-dia-odelaire-rodrigues-e-da-mulher-negra-do-teatro-paranaense-a-ser-comemorado-anualmente-em-27-de-janeiro>. Acesso em: 27 maio 2024.

Odelair Rodrigues simboliza resistência e inspiração para as novas gerações de artistas negras e negros. Mesmo em meio aos desafios impostos pelo racismo, ela conquistou diversos prêmios ao longo de sua carreira: nas artes cênicas “foi uma das pioneiras da TV paranaense e conquistou 12 prêmios de melhor atriz, entre eles, o Troféu Gralha Azul 2000 – Menção Honrosa pelo seu pioneirismo e obra” (SIPAD - 1ª Mostra de Teatro Negro de Curitiba, 2021, p.1).

Segundo Celso Fernando Claro de Oliveira (2021), o preconceito racial esteve presente na vida da atriz desde a infância, perseguindo-a na vida adulta, mesmo após seu reconhecimento no mundo artístico. Esse fato que se comprova com o episódio ocorrido em 1975, no qual a atriz chegou ao ponto de ser impedida pelo síndico de entrar no Edifício Asa. Porém, com muita determinação, ela usou o teatro para promover a inclusão incentivando novos atores negros, utilizando a arte como ferramenta de resistência. Conforme relata o autor, ela atuou “em diversas frentes, jamais abandonou o engajamento político, lutando contra o preconceito racial e em prol da valorização das artes” (Oliveira, 2021, p.417). Apesar de suas lutas, e da constatação de uma intensa produção artística teatral, percebe-se que há uma lacuna de pesquisas acadêmicas específicas sobre a atriz, o que contribui para a perpetuação da invisibilização de artistas negros.

Nessa pesquisa, parte-se da hipótese de que a presença de Odelair Rodrigues como figura central na propaganda do Café Damasco representou uma contradição na mídia da década de 1980 no Paraná: ao mesmo tempo que proporcionava um raro protagonismo para uma mulher negra, também perpetuava estereótipos raciais ao limitar sua representação a papéis estereotipados e superficiais.

Essa hipótese sugere que, embora a participação de Odelair Rodrigues possa ter representado um marco ao revelar uma mulher negra em um papel de destaque, é possível que a maneira como ela foi retratada pode ter permanecido enraizada em estereótipos raciais da época. Isto reflete as complexidades e contradições da representação racial na publicidade paranaense.

O objetivo geral desta pesquisa consiste em analisar a representação midiática da mulher negra tendo como foco o papel de Odelair Rodrigues como protagonista na publicidade do Café Damasco na década de 1980, bem como os estereótipos raciais presentes na época. Os objetivos específicos deste estudo são: 1) Examinar a propaganda do Café Damasco protagonizada por Odelair Rodrigues, identificando os estereótipos raciais representados; 2) Analisar as formas de resistência de Odelair

Rodrigues diante do racismo e das limitações impostas pelos estereótipos raciais na mídia da época; 3) Discutir as implicações destas análises para o entendimento atual da representação racial e de gênero na mídia brasileira.

A metodologia utilizada é a qualitativa com abordagem historiográfica, com base no argumento de Michel de Certeau (2011) de que os discursos históricos são fundadores de sentidos e instauradores de ciência. Da mesma forma, a propaganda, como discurso, não pode ser desligada de sua produção. No caso de Odelaire Rodrigues, sua participação na propaganda do Café Damasco representa uma função específica dentro do contexto publicitário. Essa ótica particular e diversa deve ser analisada em relação aos estereótipos raciais e à representação da mulher negra.

É essencial analisar o contexto histórico em que a propaganda foi produzida, as resistências de Odelaire diante de possíveis opressões enfrentadas, em consonância com os conceitos de Certeau (1998) relativos à estratégia e à tática.

A “estratégia”, segundo o autor, é “o cálculo das relações de forças que se torna possível a partir do momento em que um sujeito de querer e poder é isolável de um ‘ambiente’”(Certeau, 1998, p. 46). Já a “tática” surge da ausência de poder; quanto menor o poder, maior a oportunidade de aplicar astúcia, aproveitando as circunstâncias e antecipando soluções no contexto do cotidiano desafiador (Certeau, 1998). Em outras palavras, a tática é a habilidade de agir de maneira criativa e adaptável, mesmo quando não se possui controle absoluto sobre as situações.

Para investigar a atuação de Odelaire Rodrigues na propaganda do Café Damasco, coletaremos dados que fundamentem seu percurso de vida com foco nas artes cênicas em Curitiba na década de 1980. Além disso, analisaremos a manifestação do racismo e como a atriz enfrentou essas adversidades, com base nas teorias de Joel Zito Araújo (2019), Abdias do Nascimento (2011) e Sueli Carneiro (2023). Essa abordagem objetiva proporcionar uma compreensão mais aprofundada dos desafios e conquistas de Odelaire Rodrigues.

Protagonismo e resistência: A Jornada de Odelaire Rodrigues na vida e na arte

O livro *Odelaire Rodrigues*, escrito em 2018 por José Carlos Corrêa Leite e Rosirene Gemael, nos oportuniza acesso a uma biografia riquíssima, construída com uma escrita cuidadosa e envolvente. Os autores informam que Odelaire Rodrigues, conforme consta em seu registro de nascimento, nasceu em Curitiba no dia 14 de

junho de 1935. Entretanto, a data correta de seu nascimento é 27 de janeiro de 1935. Essa discrepância ocorreu porque o registro em cartório foi realizado quase cinco meses após o nascimento da pequena Odelair.

Segundo Leite e Gemael (2018), Odelair era filha de Alice Costa da Silva, natural de Florianópolis, trabalhadora doméstica, cozinheira e lavadeira, e do pernambucano Joaquim Rodrigues da Cruz, terceiro sargento da polícia militar e músico (tocava corneta). Odelair teve carreira no teatro, rádio, televisão e cinema. Além disso, “no dia 15 de março de 1962 ela teve expedida sua carteira de número 897 da Ordem dos Músicos do Brasil (OMB) - Conselho Regional do Estado do Paraná.” (Leite; Gemael, 2018, p. 89).

Em entrevista concedida ao PAP – Memórias do Paraná,² Odelair nos informa que se apresentou ao público pela primeira vez aos sete anos de idade e, desde então, nunca mais parou. Na ocasião, uma professora do Colégio Estadual Xavier da Silva,³ um dos mais antigos do Paraná e onde Odelair estudava, perguntou à turma quem sabia cantar, dançar e declamar. Ela prontamente se voluntariou e cantou “Quem quiser vatapá”, música de Dorival Caymmi. Odelair foi escolhida e se apresentou pela primeira vez.

Ainda, sobre o período em que estava nesse colégio, para defender-se, ela batia nos que a atacavam, conforme mencionou: “Na sala de aula sempre fui aplicada, tinha dez em tudo. Já no comportamento era zero. Eu sempre me defendia, não queria nem saber, batia de verdade” (Leite; Gemael, 2018, p.17).

Além disso, de acordo com Leite e Gemael (2018), após a separação dos pais de Odelair, devido às traições do pai, dona Alice colocou as filhas em um colégio interno, pago por ele. No entanto, isto não impedia que fossem maltratadas pelas freiras. Certo dia, ao ver sua irmã Adagmar machucada após ser agredida por uma freira, Odelair decidiu que ambas fugiriam.

Ao tomar conhecimento do ocorrido, Dona Alice cuidou das filhas e denunciou os maus-tratos ao Juizado de Menores, que ameaçou fechar o internato caso não

²Memórias do Paraná. **Odelair Rodrigues**. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=EIAK0QNapxQ>. Youtube, 06 de set. 2019. Acesso em: 20 maio 2024.

³SEED/PR. **Colégio Estadual Dr. Xavier da Silva completa 120 anos**. Disponível em: <https://www.educacao.pr.gov.br/Noticia/Colegio-Estadual-Dr-Xavier-da-Silva-completa-120-anos>. Acesso em: 26 maio 2024.

houvesse melhorias. No entanto, a mãe as levou de volta à instituição, instruindo-as a fugir novamente se houvesse mais abusos. Ao retornarem, foram recebidas com insultos racistas, e Dona Alice novamente reafirmou a ameaça de fechamento da instituição. Após esse episódio, “a situação tornou-se mais amena no internato” (Leite; Gemaliel, 2018, p.21).

Em entrevista,⁴ a artista conta como lidou com o racismo em Curitiba nos anos 1940 e compartilha suas experiências pessoais e profissionais, ilustrando a resistência necessária para construir uma carreira artística em um ambiente predominantemente branco. Ela enfatiza a necessidade de não desistir frente aos desafios advindos do racismo.

O documentário *Um Prólogo para Odelaír Rodrigues*, realizado pela Cia. Kà de teatro em 2021,⁵ com a proposta de preservar a memória de Odelaír Rodrigues, destacou aspectos de sua carreira no teatro, rádio e televisão. A produção foca na importância de Rodrigues como uma figura central na cultura paranaense e brasileira.

Por sua vez, o vídeo *Odelaír Rodrigues - Conheça a História e a Importância da Atriz*,⁶ produzido pela Comparsaria Cênica, nos mostra parte da história da atriz e fornece uma visão geral da carreira de Odelaír Rodrigues, enfatizando sua representatividade e importância para o teatro paranaense. A narrativa inclui depoimentos de colegas e críticos que destacam sua contribuição artística e a maneira afetuosa como Odelaír acolhia novos atores negros.

Em 2001, em uma reportagem que mostra Odelaír preparando-se para uma homenagem aos seus 50 anos de carreira,⁷ a atriz retoma a lembrança de quando atuou pela primeira vez na escola, aos sete anos de idade, quando atendeu ao pedido da professora e cantou a música de Dorival Caymmi, “Vatapá”. Ela fala de sua abdicação da profissão de contadora em prol da atuação, ressaltando que já havia

⁴ Wille, José. **Como Odelaír Rodrigues enfrentou o racismo na Curitiba dos anos 1940**. wmv. Youtube, 03 dez. 2011. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=fJrZcvof2CY>>. Acesso em: 28 maio 2024.

⁵ Cia. Kà de Teatro. **Um prólogo para Odelaír Rodrigues**. Youtube, 18 out. 2021. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=QIN8kjLauYw>>. Acesso em: 28 maio 2024.

⁶ Comparsaria Cênica. **Odelaír Rodrigues – Conheça a História e a Importância da Atriz**. Youtube, 26 jan.2022. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=z6H7WjC_ge0&t=292s. Acesso em: 15 abr. 2024.

⁷ Meu Paraná. **Memória: 50 anos de carreira de Odelaír Rodrigues**. Globoplay, jul. 2001. Disponível em: <https://globoplay.globo.com/v/4037080/>. Acesso em: 25 maio 2024.

desempenhado várias funções relacionadas ao trabalho doméstico e que não tinha medo de passar fome. Relata também a importância de Ary Fontoura para o seu início no teatro enquanto estudante no Colégio Estadual do Paraná, referindo-se a ele como seu primeiro professor e diretor. Ainda, na mesma reportagem, o próprio ator conta que a observou atuando no colégio e a escalou para a peça “Sinhá moça chorou”, porque precisava de uma “empregadinha preta” para o papel.

Nessa atuação, “sua personagem era Balbina, uma das escravas, uma personagem cômica. Também nos papéis de escravos estavam Ary Fontoura e René Dotti, que se pintavam de negros” (Leite; Gemael, 2018, p. 36). Fica evidente que sua atuação não escapou de papéis que reproduziam os estereótipos racistas atrelados a mulheres negras e que são discutidos até hoje na luta antirracista.

Quanto a isso, vale ressaltar o que diz Joel Zito Araújo:

Nenhum dos grandes atores negros parece ter escapado do papel de escravo ou serviçal na história da telenovela brasileira, mesmo aqueles que quando chegaram à televisão já tinham um nome solidamente construído no teatro ou no cinema, como Ruth de Souza, Grande Otelo, Milton Gonçalves e Lázaro Ramos. Essa afirmativa pôde ser constatada na pesquisa que fizemos sobre a representação do negro na história da telenovela brasileira, que deu origem ao filme e livro *A negação do Brasil* (Araújo, 2018, p.979).

Odelair é uma das atrizes que não foi poupada desse papel de serviçal. No século XX, os papéis mais comuns para atrizes negras eram de cozinheiras, empregadas e babás. Estereótipos que refletiam uma visão limitada e inferiorizada da mulher negra na sociedade.

Essas representações, de acordo com Joel Zito de Araújo (2018), incluem também papéis que sexualizam e objetificam a mulher negra. Embora atualmente já tenhamos alcançado um certo avanço na desconstrução desses estereótipos racistas, ainda assim, presenciamos esses personagens em novelas, programas de TV e em outras mídias.

Outra questão que aparece nesse relato é o uso de *blackface*, que inferioriza e estereotipa pessoas negras, realizado por Ary Fontoura e René Dotti. Sobre isso vale salientar o que nos diz Juliana Pereira:

São inúmeros os casos de *blackface nos palcos* dos teatros brasileiros. Durante todo seu auge, o teatro utilizou dessa técnica. A chegada da TV nos anos 1950 e seu *boom* nos anos seguintes introduziu uma nova relação do público com o entretenimento. Dentre esses, destacam-se a teledramaturgia e os programas de auditório. Ao longo dos anos, essas programações sempre

apresentaram negros de forma muito similar às comédias teatrais. A maquiagem grotesca e os trejeitos risíveis ainda continuam sendo utilizados como estratégia de comicidade (Pereira, 2022, p.1).

Tendo em vista que o momento histórico brasileiro era de plena defesa da democracia racial,⁸ cujo objetivo era “negar a desigualdade racial entre brancos e negros no Brasil como fruto do racismo, afirmando que existe entre estes dois grupos raciais uma situação de igualdade de oportunidade e de tratamento” (Gomes, 2005, p.57), essa ideologia – que, atualmente, sabemos se tratar de um mito já desmistificado – serve, nas palavras de Nascimento (1978), para explicar o racismo brasileiro:

No entanto, "devemos compreender democracia racial como significando a metáfora perfeita para designar o racismo estilo brasileiro: não tão óbvio como o racismo dos Estados Unidos e nem legalizado qual o apartheid da África do Sul, mas eficazmente institucionalizado nos níveis oficiais de governo assim como difuso no tecido social, psicológico, econômico, político e cultural da sociedade do país (Nascimento, 1978, p.92).

Essa descrição de racismo coaduna com o que Sílvia Almeida (2018) conceitua como racismo estrutural. Segundo o autor, o racismo é sustentado pela organização política, econômica e jurídica da sociedade, manifestando-se como desigualdade estrutural. Embora os indivíduos possam ser responsabilizados por atos racistas, a visão estrutural do racismo indica que isso não é suficiente para eliminar as desigualdades raciais. Ele destaca que o racismo cria condições sociais que permitem a discriminação sistemática de grupos raciais, direta ou indiretamente, e que, apesar das ações antirracistas, a sociedade continua reproduzindo essas desigualdades.

Sendo assim, seria praticamente impossível a quebra de estereótipos naquele período, de modo que era necessário o uso de táticas para superar as estratégias presentes na sociedade (Certeau, 1995). Vale dizer que essas táticas para a sobrevivência em uma sociedade racista fizeram parte da vida de Odelaire desde pequena, tanto em sua vida pessoal quanto em sua trajetória profissional.

Leite e Gemael (2018) nos informam que, após concluir o ginásio, Odelaire ingressa no curso noturno de Contabilidade, na Escola Técnica de Comércio anexa à

⁸ O termo democracia racial não foi cunhado por Gilberto Freyre (2001), entretanto, em sua obra *Casa grande e senzala*, o autor defende a ideia de uma convivência harmoniosa entre as três “raças”: branco, negro e indígena, sem abordar os inúmeros desafios, conflitos e violências que envolviam essa convivência.

Universidade Federal do Paraná, atual Instituto Federal do Paraná. Ao perceber que o racismo a impedia de encontrar um emprego na área, passou a trabalhar como empregada doméstica e a dedicar-se ao teatro.

Certa vez, ao ser premiada como melhor atriz em 1956 e aparecer na primeira página do jornal, Odelair foi identificada por seu patrão, um português casado com uma brasileira. Odelair disse que “estava ali por contingência, como iria se casar tinha que pagar o enxoval. O português ouviu-a visivelmente espantado” (Leite; Gemael, 2018, p.56). Posteriormente, Odelair conseguiu emprego na sua área de formação, entretanto, decidiu abandonar a oportunidade para dedicar-se somente ao teatro.

Ainda de acordo com Leite e Gemael (2018), Odelair Rodrigues foi uma das fundadoras do Teatro de Bolso em Curitiba⁹, um marco essencial para a cultura local. Ela também integrou o Teatro de Comédia do Paraná¹⁰, em diversas produções premiadas. Sua presença em cena era muito elogiada, e sua capacidade de encarnar personagens complexos era notável.

Diante de toda essa história de vida riquíssima, vamos nos concentrar na propaganda sobre o Café Damasco, que inegavelmente foi um marco em sua carreira. Verificaremos qual é a imagem da mulher negra presente nessa propaganda e como isso afetou ou não a atriz.

Café Damasco e a representação da mulher negra na publicidade dos anos 1980: “Colou mais que piche em tamanco”

Café Damasco, forte, puro, brasileiro
Faz questão que o povo brasileiro
Dê um breque pra tomar um cafezinho
Ou um pingado, uma média, um bem passado

⁹ O Teatro de Bolso, localizava-se na Praça Rui Barbosa, sendo fundado em 1957 e contava com dois elencos. Um deles era dirigido por Ary Fontoura, composto pelo elenco do Teatro de Bolso, enquanto o outro era sob a direção de Maurício Távora, com o elenco da Sociedade Paranaense de Teatro. O teatro funcionou até 1975, foi fechado e reaberto ainda na Praça Rui Barbosa, com o mesmo nome, mas o espaço era inapropriado e confundido com um pequeno banheiro público, e por fim, foi demolido em 1980 dando lugar a um terminal de ônibus (Padilha; Pereira, 2010). Entretanto, na pesquisa de Leite e Gemael (2018) consta que o Teatro de Bolso foi demolido em 1975 e “um novo Teatro de Bolso fora erguido. O espetáculo inaugural foi “Ó Curitiba nossa tribo, salve salve”, apresentado de 30 de março a 30 de abril de 1980.” (Leite, Gemael, 2018, p.14).

¹⁰ Segundo Walter Lima Torres Neto (2013), o Teatro de Comédia do Paraná (TCP) foi fundado em Curitiba em 1963, com o propósito de criar uma companhia teatral estável e de alta qualidade, com o apoio do governo estadual. O TCP se destacou por sua produção diversificada, atraindo um grande público e contribuindo para o desenvolvimento das artes cênicas na região. Além disso, a companhia promoveu oficinas, cursos e palestras para formar novos talentos e aumentar o interesse pelo teatro no Paraná. Seu repertório também incluiu críticas à ditadura.

Com carinho de mulher.
No mercado dê um breque.
No batente dê um breque.
No passeio, em sua casa onde estiver.
Para o prazer de saborear um puro e forte
Bom pro estudo
Pro esporte, pro trabalho e pro lazer
Café Damasco faz o povo inteiro mais feliz
Café Damasco todo mundo pede bis
(Café Damasco (Jingle de 1982))
<https://www.lettras.mus.br/jingles/cafe-damasco-jingle-de-1982/>

Quem viu a propaganda do Café Damasco, especialmente se a assistiu na década de 1980, é capaz de ler a letra da música acima cantando, como Odelaire cantou e encantou. Ao se referir ao trabalho com propagandas, em entrevista ao programa Memória Paranaense,¹¹ a atriz diz:

O comércio prefere mais atores e atrizes de fora para fazer propaganda dos seus produtos do que os atores paranaenses. E eu já fiz propaganda para vários lugares: fiz para Pernambuco, para Bahia, para Minas Gerais, para Recife. Fiz 2 vezes na Bahia e aqui eu fiz pouca propaganda, mas a que eu fiz, graças a Deus, **colou mais que piche em tamanco**, que foi o do Café Damasco [...] Eu fazia tudo ali, eu que cantava mesmo! (Grifo nosso)

Nessa fala observamos a dificuldade em atuar em propagandas e a satisfação em protagonizar a propaganda do Café Damasco. A atriz não faz menção de alguma insatisfação com o papel que interpretou. Ao contrário, ela enfatiza que foi uma propaganda com ótima repercussão e que, além de atuar, ela pôde também cantar.

O cenário onde se passa a propaganda mostra uma cozinha residencial. Odelaire é a primeira a aparecer em cena, preparando o café. Ela está trajando um avental que cobre sua roupa e vai até acima do joelho, o que a caracteriza como uma empregada doméstica. Mantém-se o tempo todo em pé, preparando o café para a família enquanto canta. Em vários momentos temos o close apenas nela. Antes de servir a mesa, Odelaire é filmada em plano médio e, atrás dela passa uma criança que corre para a mesa.

Há quatro lugares nessa mesa, que são ocupados por um casal e seus dois filhos, pessoas brancas que estão sentadas e aguardam ser servidos. Odelaire, sempre sorridente, serve à família quando o café fica pronto. A parte do jingle cantada em coro

¹¹ Wille, J. **Memória Paranaense Odelaire Rodrigues 1998 integral**. Trecho 28:18.

Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=eoSgbTAXrxA&t=410s>. Acesso em: 01 jul. 2024.

é feita com a participação da família, com close nestes tomando o café. A empregada segue sorridente e, enquanto serve, em dado momento, ela faz um carinho em uma das crianças.

A propaganda finaliza com Odelair dançando entre a mãe e uma das crianças com a cafeteira de vidro na mão. A imagem tem um desfoque e aparece em primeiro plano. Em um quadro menor ao lado esquerdo, Odelair aparece oferecendo o café para os espectadores, com a cafeteira na altura do rosto, direcionando seu olhar e sorriso para a câmera. Do lado direito, em uma imagem maior, temos a embalagem do café.

Apesar de aparentemente harmônico, esse comercial reflete as relações de poder e as hierarquias raciais presentes na sociedade brasileira da época. Toda a narrativa e a estética da cena reforçam a defesa de uma democracia racial tão em voga na década de 1980 e que minimizava as desigualdades raciais.

O ritmo escolhido para o jingle é o samba, um ritmo afro-brasileiro. De acordo com Lira Neto (2017), esse gênero veio da Bahia para o Rio de Janeiro no séc. XX, por meio de Hilário Jovino. Assim como muitos outros, Hilário chegou ao Rio de Janeiro com poucos pertences e se estabeleceu no bairro da Saúde, próximo ao morro da Conceição e à Prainha, região marcada por influências culturais africanas, tais como rituais, batucadas noturnas e rodas de capoeira. Historicamente, essa região, que abrangia os bairros do Estácio, Santo Cristo, Gamboa e Cidade Nova, ficou conhecida como “Pequena África”, devido à presença significativa de ex-escravizados e seus descendentes. Segundo Neto:

O samba agoniza, mas não morre. Reinventa-se, orbitando entre os signos ancestrais da festa e da agonia. Tributário da grande diáspora africana, soube sobreviver à gramática do chicote e da senzala. Nascido no saracoteio dos batuques rurais, adentrou a periferia dos grandes centros urbanos sem pedir licença. Iniciado nos terreiros de macumba, incorporou-se aos cortejos dos ranchos, blocos e cordões, numa simbiose perfeita com o Carnaval. Enfrentou preconceitos, ouviu descatos, padeceu segregações. Ganhou espaço no picadeiro dos circos mambembes e foi adotado pelos tablados do teatro ligeiro. Sinônimo de malandragem, viu-se perseguido pela polícia, entregou-se à vadiagem das ruas, perambulou pelos cabarés mais ordinários da zona do Mangue. No morro, foi morar nas ribanceiras das favelas, sem nunca abdicar dos apelos do asfalto. Vendido e comprado na surdina, tratado como produto clandestino, aos poucos foi sendo envolvido pelos códigos e engrenagens do grande mercado. Ladino, chegou ao disco, ganhou o rádio, virou astro de cinema (Neto, 2017, p.19).

Esse trecho descreve a resiliência e a evolução do samba, o qual enfrentou desafios, preconceitos e adversidades ao longo do tempo. Ele se originou nas raízes africanas, passou por diferentes contextos urbanos e culturais e, mesmo assim, persistiu, tornando-se parte essencial da identidade brasileira. Então, temos uma protagonista negra e um gênero musical negro abrilhantando a propaganda. Sigamos analisando o produto anunciado pela propaganda midiática, o café.

A letra do jingle enfatiza a parada para saborear o café, “*No mercado dê um breque. No batente dê um breque. No passeio, em sua casa onde estiver*”, entretanto, a protagonista da propaganda não para de trabalhar, ela apenas prepara o café e serve. A personagem segura uma cafeteira na mão, não tem acesso a uma xícara, muito menos a uma cadeira para se sentar junto à família branca que está à mesa. Sendo assim, fica implícito que essa parada para saborear o café é exclusivamente destinada à família branca. Quem é o “povo inteiro” que pode ser “mais feliz”?

O café possui uma história longa. De acordo com Ana Luiza Martins (2017), ele surgiu na Etiópia, onde era consumido tanto na forma de pasta quanto na forma líquida, como bebida, principalmente por suas propriedades medicinais. No século 14, o café chegou ao Iêmen, onde os mosteiros sufis o utilizavam para melhorar a concentração durante as orações. De acordo com a autora: “A África foi o território de origem do café, mas os árabes dominaram inicialmente a técnica de plantio e preparação do produto, com o café etíope sendo levado para a península arábica, especificamente ao Iêmen, no ano de 575” (Martins, 2017, p.19).

No Brasil, essa bebida chega primeiro ao Pará. A responsabilidade pela chegada do café ao país é atribuída a “Francisco de Mello Palheta [...] um militar graduado, funcionário real, a serviço do aumento das rendas da metrópole e das suas próprias, imbuído da ambição comum aos homens que atuavam no Novo Mundo: enriquecimento e poder” (Martins, 2017, p.36,38). Ainda de acordo com Martins (2017), a história do café no Brasil mostra uma incoerência: enquanto gerou riqueza e desenvolvimento econômico, essa prosperidade foi concentrada em poucos fazendeiros, deixando a maioria da população, especialmente os escravizados, em estado de pobreza e exclusão social. Muitos escravizados eram oriundos de regiões da África em que o cultivo de café já era praticado, e, portanto, possuíam habilidades e técnicas que contribuíram para a adaptação e o desenvolvimento das plantações no Brasil. A experiência deles em práticas agrícolas, manejo do solo e cuidados com as

plantações foi essencial para a produção cafeeira. Apesar de sua contribuição valiosa, eles não se beneficiaram da riqueza e enfrentaram condições de trabalho desumanas.

A importância econômica do café chegou a tal ponto que a bandeira do Império trazia o desenho do café:

A bandeira do Brasil Imperial foi criada em 1822 pelo desenhista, pintor e professor francês Jean-Baptiste Debret. Vale lembrar que José Bonifácio de Andrada e Silva, também conhecido como “o Patriarca da Independência”, ajudou Debret na elaboração do projeto da bandeira do Brasil Império. A bandeira do Brasil Imperial possui formato retangular. Com fundo verde, havia no centro um losango amarelo-ouro. No centro do losango ficava o brasão nacional (imperial). Este brasão consistia num escudo verde, tendo ao centro a esfera armilar e a Cruz da Ordem de Cristo (em vermelho). Havia também um aro de fundo azul com 20 estrelas brancas (representando as províncias brasileiras). Sobre o escudo estava disposta a coroa imperial. **Do lado esquerdo havia um ramo de café** e do lado direito um de tabaco. (Museu Nacional UFRJ, grifo da autora, 2018, p.1)

Jean-Baptiste Debret, o criador da bandeira, era um artista europeu com uma perspectiva eurocêntrica. Ele interpretava a cultura brasileira, concentrando-se principalmente na elite branca. Segundo Selson Garutti (2014), o artista francês documentou a sociedade brasileira do século XIX. Sua visão durante o período colonial é considerada de grande importância para a história cultural do país. Entretanto, o pintor:

defendia o processo civilizatório europeu, representando uma eugenia pelo “racismo da Ilustração”, acreditando que somente a “raça branca” seria o baluarte da “verdadeira humanidade”, expressa principalmente pelos seus costumes e religião. Imbuído de um preconceito racista, essa eugenia se daria primeiramente pela miscigenação, sobre a predominância da raça branca sobre os demais grupos étnicos. Debret, sobretudo nos textos escritos, propõe uma gradação de superioridade, colocando o mulato acima do negro, atribuindo-lhe uma vantagem de superioridade devido a sua porção branca. (Garutti, 2014, p.220)

Essa afirmação revela a visão problemática de Debret, pois uma mentalidade racista devidamente reconhecida deve ser superada, assim como esses estereótipos, promovendo uma visão mais inclusiva e igualitária ao se tratar da História Cultural do Brasil.

Voltando à entrevista para o programa intitulado Memória Paranaense,¹² a atriz é perguntada se ainda enfrenta situações relacionadas ao racismo. Odelair afirma que

¹² Wille, J. **Memória Paranaense Odelair Rodrigues 1998 integral.**

não existe mais, e quase que imediatamente relembra uma situação em que Ary Fontoura recebeu um convite para participar de um baile em um clube de Curitiba e, na portaria, o segurança se opôs à entrada de Odelaire e sua irmã, tendo em vista que ambas eram “crioulas”.

A atriz decide não citar o nome do clube, entretanto, o livro que narra a sua biografia revela o nome do estabelecimento. Vale ressaltar que, nessa entrevista, Odelaire fala da propaganda do Café Damasco, não demonstrando incômodo com relação à personagem que interpretou. Sobre essa situação, vale lembrar a descrição do racismo no Brasil feita por Nascimento, em uma entrevista publicada no portal Geledés intitulada “*O racismo fica escancarado ao olhar mais superficial*”, entrevista *Abdias Nascimento*¹³:

O racismo no Brasil se caracteriza pela covardia. Ele não se assume e, por isso, não tem culpa nem autocrítica. Costumam descrevê-lo como sutil, mas isto é um equívoco. Ele não é nada sutil, pelo contrário, para quem não quer se iludir ele fica escancarado ao olhar mais casual e superficial. O olhar aprofundado só confirma a primeira impressão: os negros estão mesmo nos patamares inferiores, ocupam a base da pirâmide social e lá sofrem discriminação e rebaixamento de sua autoestima em razão da cor. (Nascimento, 2013, p.1)

Essa descrição do racismo no Brasil se aplica a Odelaire ao ilustrar sua trajetória como artista negra em um contexto de marginalização e discriminação. Apesar de ser uma excelente atriz, ela enfrentou a falta de oportunidades e a relegação a alguns papéis secundários e estereotipados.

Ao protagonizar uma propaganda de TV, em uma campanha publicitária de grande alcance na década de 1980, a atriz destaca um momento significativo na representatividade das mulheres negras na indústria da publicidade, promovendo uma reflexão sobre os desafios enfrentados pelas atrizes negras na mídia brasileira na época.

Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=eoSgbTAXrxA&t=410s>. Acesso em: 01 jul. 2024.

¹³ Abdias Nascimento (1914-2011) já foi descrito como o mais completo intelectual e homem de cultura do mundo africano do século XX. Poeta, escritor, dramaturgo, artista visual e ativista panafricanista, ele fundou o Teatro Experimental do Negro e o projeto Museu de Arte Negra. Suas pinturas, largamente exibidas dentro e fora do Brasil, exploram o legado cultural africano no contexto do combate ao racismo. Professor Emérito da Universidade do Estado de Nova York, ele foi deputado federal, senador da República e secretário do governo do Estado do Rio de Janeiro. Disponível em: <https://ipeafro.org.br/personalidades/>. Acesso em: 09 jun. 2024.

Sua contribuição não apenas desafiou as normas vigentes, mas também pavimentou o caminho para uma maior inclusão e diversidade nas representações midiáticas subsequentes.

A personagem interpretada por Odelair Rodrigues, nessa propaganda, reflete o estereótipo presente nas personagens negras da dramaturgia estadunidense na primeira metade do séc. XX, e que aparecem posteriormente no Brasil. Tal estereótipo é chamado de “mammie” e as características requeridas para tal imagem são definidas por Araújo:

A mulher negra típica prevista para a sua representação devia ser uma atriz grande e gorda, capaz de caracterizar uma negra ao mesmo tempo orgulhosa, dominadora, de vontade forte, irritável, mas intensa na sua maternalidade. Provavelmente, foi o estereótipo mais retomado pelo melodrama das radionovelas mexicanas e cubanas e pela televisão brasileira, como veremos mais tarde. (Araújo, 2019, p.40)

A representação de Odelair Rodrigues diverge em alguns aspectos desse estereótipo. Odelair apresenta-se com elegância e sofisticação, desassociando-se das características físicas e comportamentais típicas da “mammie”. Ela não é mostrada como dominadora ou irritável, mas sim como uma figura graciosa e positiva, que promove o produto com confiança e charme. Entretanto, mantém os traços maternais e que demonstram subserviência. Sobre a atuação em papéis baseados nesse estereótipo, é interessante verificar o que aconteceu com outra importante atriz contemporânea de Odelair, Ruth de Souza, definida por Araújo (2019) como:

atriz negra pioneira no teatro, no cinema e na televisão brasileira que se integrou desde os anos 50 ao panteão das nossas maiores divas. Começou sua carreira de atriz destacando-se no grupo que criou o Teatro Experimental do Negro no Rio de Janeiro – que também teve a participação de artistas e lideranças nacionais, como Solano Trindade, Abdias do Nascimento e Haroldo Costa. (Araújo, 2019, p.79)

Ao contrário de Odelair que foi autodidata, Ruth de Souza inicia sua carreira no Teatro Experimental do Negro (TEN), grupo que discutiu profundamente a participação de negros e negras como atores e atrizes e as dificuldades impostas pelo racismo, tendo em Nascimento o seu fundador. Vale ressaltar o que nos informa Julio Menezes Silva (2013) a respeito do TEN:

Foi a primeira entidade afro-brasileira a ligar a luta pelos direitos civis e humanos dos negros à recuperação e valorização da herança cultural africana.

Denunciando a segregação no teatro brasileiro, sobretudo a prática de pintar atores brancos de negro para desempenharem papéis dramáticos, o TEN oferecia cursos de alfabetização e de cultura geral a seus integrantes: empregados domésticos, trabalhadores e operários, desempregados e funcionários públicos diversos. Formou a primeira geração de atores e atrizes negros e favoreceu a criação de uma dramaturgia que focalizasse a cultura e a experiência de vida dos afro-brasileiros. (Silva, 2013, p.1)

Tendo todo esse arcabouço de conhecimento e luta, ainda assim a atriz se viu representando uma personagem estereotipada, tendo em vista que “em sua primeira participação em telenovela, *A deusa vencida*, em 1965, na TV Excelsior, foi designada para o papel de uma empregada subalterna, uma mucama bisbilhoteira” (Araújo, 2019, p.79).

Sobre as dificuldades enfrentadas pelos atores e atrizes negros na televisão brasileira, Ruth de Souza revelou, em depoimento para o documentário *A negação do Brasil*, que: “Os autores vêem o negro como serviçal [...] As histórias se desenvolvem em cima dos personagens brancos, e o negro não tem vez [...]” (Araújo, 2019, p.80).

Opor-se a essa visão reducionista de negros e negras na época era um imenso desafio. Odelair vivenciou o racismo desse período e soube se defender, desde a infância, quando lutava contra os agressores, e em sua profissão de atriz, buscando sobreviver interpretando as personagens que lhe foram propostas. Celso Fernando Claro de Oliveira ressalta o merecido reconhecimento de Odelair tanto pelo público quando pela crítica, e nos revela que ela se “tornou presença constante nas colunas de teatro dos jornais de Curitiba e, com o tempo, também foi escalada para papéis que haviam sido escritos para atrizes brancas” (2021, p.409).

Odelair sobreviveu e fez história no campo das artes cênicas no Paraná. Mesmo assim, é interessante falarmos sobre as influências que os papéis que retratam mulheres negras prontas para servir famílias brancas marcam o imaginário coletivo. Não raro, quando atualmente mulheres negras desempenham protagonismo em determinada carreira profissional, muitas vezes causam estranheza, sendo frequentes os episódios de racismo em que elas se veem obrigadas a confirmar quem são e o que fazem, sobretudo quando se encontram em lugares que são frequentados por pessoas brancas.

A atuação de Odelair Rodrigues na propaganda do Café Damasco nos anos 1980 apresenta uma complexa intersecção entre a representação da mulher negra e os estereótipos raciais prevalentes na época. Utilizando os conceitos de estratégia e tática de Michel de Certeau (1998), podemos analisar a trajetória da atriz sob duas

perspectivas: primeiramente como ela navegou as limitações impostas pelo racismo e, conseqüentemente como sua presença desafiou e, simultaneamente, perpetuou estereótipos.

Certeau (1998) define estratégia como a capacidade de um sujeito ou instituição de definir e impor seus próprios objetivos, delimitando um espaço de poder e controle. No contexto de Odelaire Rodrigues, a indústria publicitária dos anos 1980 usava a estratégia para moldar a imagem da mulher negra conforme os interesses comerciais e culturais da época. A propaganda do Café Damasco é um exemplo claro dessa estratégia, onde a imagem da mulher negra foi utilizada para promover um produto, mas ainda dentro de moldes estereotipados e limitantes. A figura da empregada doméstica subserviente, ainda que protagonizada por uma atriz de renome, reforçava a visão da mulher negra em papéis subalternos, alinhada ao racismo presente na sociedade brasileira.

Em contraste, a tática emerge das condições de ausência de poder e se manifesta como uma forma de resistência e adaptação criativa dentro das limitações impostas (Certeau, 1998). A atriz, ao aceitar e se destacar na propaganda do Café Damasco, utilizou uma tática de sobrevivência e visibilidade. Ao mesmo tempo em que desempenhava um papel estereotipado, sua performance transcendeu as limitações impostas, evidenciando seu talento e presença marcante.

A análise da propaganda do Café Damasco, protagonizada por Odelaire Rodrigues, revela como os estereótipos raciais foram perpetuados na publicidade paranaense dos anos 1980. No entanto, a teoria de Sueli Carneiro (2023) sobre o dispositivo de racialidade,¹⁴ combinada com o conceito de epistemicídio¹⁵ de Santos (1995), oferece uma visão mais abrangente da estrutura de poder que marginaliza identidades negras e limita suas representações.

Apesar disso, Carneiro também destaca que "onde existe poder, existe resistência" (2023, p.154). A trajetória de Odelaire exemplifica essa resistência. Embora o dispositivo de racialidade tenha imposto papéis subalternos, como a empregada

¹⁴ Carneiro (2023) utiliza o conceito de dispositivo de Foucault (1987) para examinar como os dispositivos de poder influenciam as relações sociais. Ela aplica essa abordagem ao contexto racial no Brasil, investigando como o dispositivo de racialidade afeta a dinâmica de poder e a subjetividade da população negra.

¹⁵ O conceito de epistemicídio de Boaventura de Sousa Santos (1995) diz respeito à deslegitimação do conhecimento de grupos dominados. Carneiro (2023) utiliza esse conceito para analisar como isso afeta a população negra no Brasil, contribuindo para a desvalorização de seus saberes e a indigência cultural.

doméstica na propaganda, sua participação pode ser vista como um exemplo de tática, conforme descrito por Certeau (1998). A partir dessas táticas de sobrevivência, Odelaire conseguiu visibilidade e abriu espaço para que futuras gerações de artistas negras desafiassem os estereótipos raciais na mídia.

Considerações finais

As estruturas racistas vigentes na sociedade foram desafiadas por Odelaire Rodrigues através de táticas de resistência, como aponta Michel de Certeau (1998) em sua discussão sobre as estratégias do cotidiano. Seu legado, portanto, é marcado por uma dualidade. Por um lado, ela foi uma figura pioneira e fundamental para a representatividade negra no teatro e na publicidade brasileira. Sua carreira de 50 anos e suas inúmeras conquistas mostram uma trajetória de resistência e superação. Por outro lado, a análise crítica de sua participação na propaganda do Café Damasco revela as contradições e os desafios contínuos na luta contra os estereótipos racistas.

Essa dualidade pode ser compreendida à luz do conceito de "dispositivo de racialidade", de Sueli Carneiro (2023), o qual revela como as estruturas de poder racial impõem papéis estereotipados a artistas negros, ao mesmo tempo em que desvalorizam suas contribuições culturais e artísticas por meio do epistemicídio. A participação de Odelaire na propaganda do Café Damasco reflete tanto a marginalização imposta por essas estruturas quanto a sua resistência ao navegar essas limitações, utilizando táticas de sobrevivência que lhe garantiram visibilidade e relevância.

Refletir sobre a atuação dessa notável atriz na década de 1980 e os impactos dessas representações no contexto contemporâneo nos leva a reconhecer a necessidade de uma análise crítica contínua das estratégias de representação racial na mídia. Embora as táticas de resistência e adaptação utilizadas por artistas negros, como Odelaire, sejam fundamentais para sua sobrevivência e visibilidade, é obrigatório seguir questionando e desafiando as estruturas de poder que perpetuam estereótipos e restringem a plena expressão e reconhecimento das identidades negras. Carneiro (2023) destaca que, mesmo dentro dos sistemas de opressão, "onde existe poder, existe resistência", e a trajetória de Odelaire exemplifica essa dinâmica.

Assim, a análise histórica e qualitativa da carreira de Odelaire Rodrigues não apenas ilumina seu papel pioneiro nas artes cênicas paranaenses, mas também serve

como um lembrete da importância de continuar a luta pela igualdade racial e a representação justa na mídia e nas artes. O dispositivo de racialidade, embora continue a ser um desafio, também encontra resistências que impulsionam a transformação social.

Referências

ALMEIDA, S. L. de. **O que é racismo estrutural?** Editora: Belo Horizonte (MG): Letramento, 2018.

ARAÚJO, J. Z. O negro na dramaturgia, um caso exemplar da decadência do mito da democracia racial brasileira. **Revista Estudos Feministas**, v. 16, n. 3, p. 979–985, set. 2008.

CARNEIRO, S. **Dispositivo de racialidade:** a construção do outro como não-ser como fundamento do ser. Rio de Janeiro: Zahar, 2023.

CERTEAU, M. **A invenção do cotidiano:** 1. Artes de fazer. Tradução de Ephraim Ferreira Alves. Petrópolis: Vozes, 1998.

CERTEAU, M. **A Escrita da História.** Rio de Janeiro: Forense, 2011.

FREYRE, G. **Casa-grande & Senzala.** 42. ed. Rio de Janeiro: Record, 2001.

GARUTTI, S. Representações de Jean Baptiste Debret sobre a sociedade escravista brasileira na viagem pitoresca ao Brasil. **Mneme - Revista de Humanidades**, [S. l.], v. 15, n. 35, p. 198–223, 2015. Disponível em: <https://periodicos.ufrn.br/mneme/article/view/425>. Acesso em: 9 jul. 2024.

MACHADO, V.; et al. **Manual de normalização de documentos científicos de acordo com as normas da ABNT** [recurso eletrônico]. 2. ed. Curitiba: UFPR: SiBi, 2024.

MARTINS, A. L. **História do café.** – 2ª ed. 1ª reimpressão. São Paulo: Contexto, 2017.

NASCIMENTO, A. do. **O Genocídio do Negro Brasileiro:** processo de um racismo mascarado. 1ª. Ed. São Paulo: Perspectiva, 2016.

TORRES, W. L. N. **Cultura Teatral no Paraná.** Curitiba: UFPR, 2013. Disponível em: https://www2.sesc.com.br/wps/wcm/connect/1373443e-9ed6-45e3-8a761e42fade8a62/Cultura+Teatral+no+Paraná+C3%A1+%E2%80%93+Walter+Lima+Torres+Neto.pdf?MOD=AJPERES&CONVERT_TO=url&CACHEID=1373443e-9ed6-45e3-8a76-1e42fade8a62. Acesso em: 12 set. 2024.

MELO, C. dos S. **Vantagens competitivas do setor cafeeiro brasileiro no comércio exterior.** Disponível em:

<https://repositorio.ufpb.br/jspui/bitstream/123456789/28074/1/TCC%20-%20CRISLAINE%20MELO-%20DEFINITIVO.pdf>. Acesso em: 08 jul.2024.

Museu Nacional UFRJ. **Museu de Curiosidade#14-um cafezinho com a monarquia: O café nas exposições do MN.** Disponível em: <https://sae.museunacional.ufrj.br/museu-de-curiosidades14-um-cafezinho-com-a-monarquia-cafe-nas-exposicoes/>. Acesso em: 09 jul.2024.

PADILHA, S. V.; PEREIRA, M. M. Jane Martins e o teatro de bolso revisitados. **Revista das Faculdades Santa Cruz**, v. 8, n. 2, julho/dezembro 2010. Disponível em: <https://unisan-tacruz.edu.br/v4/download/revista-academica/15/09-jane-martins-e-o-teatro-de-bolso-revisita-dos.pdf>. Acesso em: 15 jul. 2024.

PEREIRA, Juliana. **O que são Blackfaces e por que eles são racistas?** Geledés, 02 fev.2022. Disponível em: < <https://www.geledes.org.br/o-que-sao-blackfaces-e-por-que-eles-sao-racistas/> >. Acesso em: 30 mai. 2024.

Wille, José. **Memória Paranaense Odela Rodrigues 1998 integral.** Youtube, 22 fev. 2003. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=eoSgbTAXrxA&t=10s>. Acesso em: 07 jun.2024.